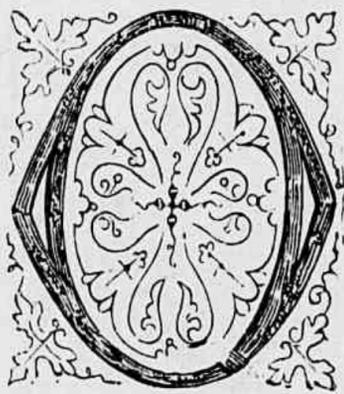


# JORNAL DAS FAMILIAS

---

## AOS NOSSOS LEITORES

---



benigno acolhimento com que foi sempre recebida, durante cinco annos completos, a *Revista Popular*, já pelo público d'esta Côrte, já pelo das de mais provincias do imperio, é credor da cordial gratidão que, com prazer, lhe tributamos.

Ao seu auxilio devemos certamente a coragem com que encarámos todas as difficuldades que apparecião contra o bom desempenho do nosso cargo. Os nossos leitores sabem que, bem ou mal, não compromettemos uma só vez a pontualidade da *Revista*.

Hoje, mais corajosos do que d'antes, convencidos de que aquelle auxilio não nós abandonará, e por isso mesmo que desejamos corresponder-lhe, de algum modo mais plausivel, resolvemos sob o novo titulo de

AOS NOSSOS LEITORES.

*Jornal das Famílias*, melhorar a nossa publicação. O *Jornal das Famílias*, pois, é a mesma *Revista Popular* d'ora avante mais exclusivamente dedicada aos interesses domesticos das familias brasileiras.

São os seus collaboradores os mesmos distinctos cavalheiros a quem tanto deve a *Revista*, accrescendo outros que tivemos a honra e fortuna de angariar.

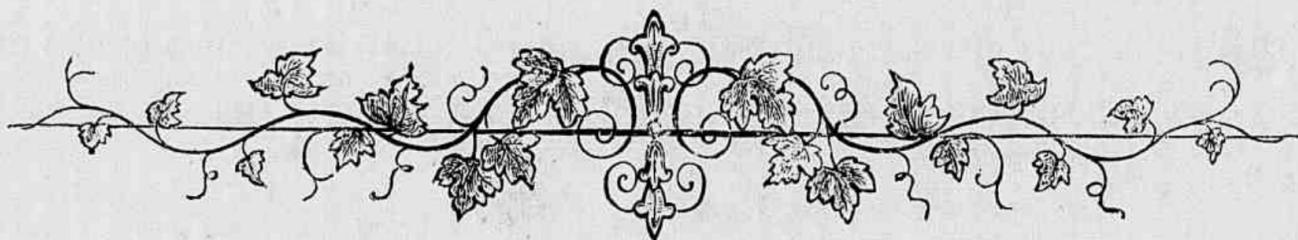
Mais do que nunca dobraremos os nossos zêlos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importarem ao paiz, á economia domestica, á instrucção moral e recreativa, á hygiene, n'uma palavra, ao recreio e utilidade das familias.

O *Jornal das Famílias* sahe uma vez por mez nitidamente impresso em Paris, e dará aos seus assignantes, no correr da publicação, gravuras, desenhos á aquarella coloridos, moldes de trabalhos de crochiet, bordados, lan, tapeceria, figurinos de modas, peças de musica inéditas, etc., para o que tem contractado n'aquella capital os melhores artistas.

Certa de que assim preencherá uma falta, geralmente observada, com esta publicação, e contando com o benigno acolhimento público que mereceu a *Revista Popular*, compromette o seu mais fiel desempenho n'esta empreza

A REDACÇÃO.





# ROMANCE

POR

UMA OBSCURA FLUMINENSE

I



u tinha quinze annos quando minha mãe morreu.

Fructo do seu primeiro amor, eu era o mimeso objecto de todos os seus desvêlos.

Os doces extremos que repartia comigo chegávão a tão subido quilate que até reprehendendo as minhas travessuras o-fazia sorrindo.

E Deus sabe se eu a-amava mais quando ella me acariciava do que quando me reprehendia.

Ainda n'esta hora bemdigo a Providencia, apezar dos deploraveis trances por que tenho passado, pelo intelligente coração que me deu; pois que desde os verdes annos da minha infancia soube comprehender e avaliar o precioso thesouro que possue a creatura a quem Deus se dignou dotar com uma carinhosa mãe.

II

Um dia, o filho de um negociante estabelecido no Rio de Janeiro andava vagando pelos arrabaldes de Santos, onde fôra passar as férias do seu quarto anno de direito que estudava em S. Paulo.

Voltando a casa pela tardinha, encontrou em uma pequena planicie uma

rapariga, dos seus deseseis annos mais ou menos, e que levava nos braços um feixe de capim, deixando perceber que habitava por ali perto, no seu vagoroso andar.



SOPHIA.

- Boa tarde, linda camponeza (lhe disse elle, passando junto d'ella).  
 — Boa tarde, senhor.  
 — Sabe o que eu vinha dizendo agora mesmo comigo?  
 — Eu?  
 — Sim.  
 — Eu não sei, não, senhor.  
 — Pois escute. Quando sahi n'esta planicie...  
 — Planicie! (repetiu a rapariga, desconhecendo a palavra).  
 — Planicie, sim (replicou o moço); não é como chãmo a estes lugares?  
 — Descampado é como nós chamamos.  
 — Seja descampado. Quando sahi e a-avistei de longe, disse logo para mim Aquella cinturinha delgada como é, e aquelle gentil corpinho não pode ser senão de algum rostosinho rosado e sympathico e que sem dúvida possui uns olhos negros e vivos. Foi tal e qual.  
 Dizendo, o interlocutor fez um leve movimento querendo beijal-a, acrescentando com voz mais branda:  
 — Deixe-me levar o seu feixe de capim...

— Obrigada (respondeu a rapariga, fugindo com o rosto e diminuindo os passos).

E depois continuou, reparando que o moço também diminuía os seus.

— Siga o seu caminho, senhor! e deixe a gente seguir o seu.

— Supponha que eu estou fatigado e não posso andar mais (respondeu o moço firmando no chão a espingarda que levava a tira collo e descancando o quixo sobre a bocca do cano).

— Não seja má (proseguiu zombando); as rolas são todas mansas, e a senhora que é uma rolinha não deve ser...

Um *ai* doloroso veio rematar a phrase.

A rapariga aturdida atira com o feixe de capim para longe de si, e deitou-se a correr em direcção a um caminho que lhe ficava em frente, no fim do descampado.

— Meu pae... meu pae... acuda... acuda... (gritava fugindo, como se fôsse perseguida por uma onça).

A seus gritos responderão os latidos de dous cães que vierão enconral-a a beira do caminho. A poucos passos d'este apparecia uma casinha de sapé.

— Meu pae, acuda... acuda... (continuava a rapariga a gritar e correndo sempre como se estivesse ainda uma legoa distante de casa, e tão perturbada que continuaria na carreira, sem ter visto o pae que viera a seu encontro, se elle não a-detem pelo vestido, gritando por sua vez desabridamente) :

— Aqui estou! aqui estou, medrosa de uma figa!

— Acuda, meu pae... acuda...

— Aqui estou... aqui estou acudindo... estás comida por alguma onça?

— Foi ali no descampado (continuou a rapariga, tomando acusto a respiração), um moço que disparou a arma contra si mesmo sem querer. Elle caiu sem sentidos, e eu não sei se ainda está vivo.

— Vamos ver lá isso (disse o velho que, apesar das forças de que parecia ainda dispor, representava bem os seus sessenta annos).

Conduzido pela filha, o bom do velho foi ter ao lugar onde o moço de facto azia estendido sobre a terra.

Não estava morto. A balla apenas resvalára pela testa; só a explosão tinha offendido mais, fazendo uma grande ferida na face direita.

Entretanto, o abalo fôra immenso e o moço ainda jazia sem sentidos, banhado no seu proprio sangue.

## III

Em 1856, um anno mais ou menos depois d'este acontecimento, pelas sete horas da noite, jantava no Rio de Janeiro em sua casa o negociante M... e sua mulher.

M..., homem laborioso, probo e rico, possuia um aspecto sympathico e respeitoso; jovial no meio dos seus amigos, lhano e attencioso para todos, ninguém diria, sem o-saber, que M... havia cerca de cincoenta annos que lidava com o positivismo da vida commercial. Na sympathia que sobressahia na sua fronte notava-se mesmo um não sei *que* de poesia que revelava os sentimentos de seu coração, isto é, que para elle em primeiro lugar estava o amor da familia, depois o trabalho por amor d'esta, e no meio a probidade por amor de todos.

M... tinha trabalhado toda a vida, enriquecera honradamente a força de muito trabalhar; e apesar de milionario, no seu modo de pensar o dinheiro era o fructo do labor e não a *usura* como querem outros.

O pobre e o rico, o peão e o fidalgo, o soldado e o general diante d'elle éráo todos um, uma vez que fossem honrados.

Bom filho, bom cidadão, não o-era menos como pae e marido.

D. Angela, do seu lado, era digna do esposo que possuia.

Quanto a Lucinio, seu filho unico, até essa hora não lhe causara o menor desgosto. Moço de vinte e quatro a vinte e cinco annos, vivia como todos vivem n'essa idade, a dos sonhos e aspirações.

Jantava, como disse, M... com sua mulher, quando um fámulo annunciou um senhor desconhecido que desejava n'aquella mesma hora, n'aquelle mesmo instante, fallar com o dono da casa.

— Faze-o entrar (disse M...).

## IV

— Deus seja n'esta casa!

M... e sua mulher saudárão com affabilidade o desconhecido, que acabava de entrar.

Fizérão-no assentar e bem assim uma rapariga que o-acompanhava e que trazia ao collo uma criança de mezes.

— Douz talheres (disse D. Angela ao servente) para estes senhores,

— Muito obrigado (agradeceu o homem); nós já estamos jantados, graças a Deus.

— Eu aqui vim (continuou), desgostal-os, mas queirão perdoar; são as circumstancias d'este maldito mundo em que vivemos, a causa dos desgostos que damos aos outros.

— Então o que vem a ser? (perguntou M..., crusando o talher e prestando toda attenção).

— O que vem a ser? Eu sei! quisera poder tirar este coração pela bocca fóra e atiral-o sobre esta meza para que vossas mercês ouvissem-no fallar por mim. O que vem a ser? Vem a ser a dôr que não mata, por que se matasse eu já estaria morto.

— Pobre homem! (murmurou D. Angela).

— Bem pobre, senhora dona!! (tornou o homem a meia voz); pobre e bem pobre, sim, como vossa mercê diz!!! Se é que vossa mercê quer dizer desgraçado quando diz pobre.

— Falle, meu amigo (disse M...), diga o que foi que lhe aconteceu.

— Sim, meu senhor, eu vou fallar, se dá licença, que é para isso que vim aqui. Mas, antes que tudo quero saber se vossa mercê é a mesma pessoa a quem procuro. Faça o favôr de dizer, é vossa mercê mesmo o senhor M..., que é negociante?

— Pelo nome sou eu mesmo.

— Bem; e então é vossa mercê mesmo que tem um filho, o snr. Lucinio?...

— Somos, somos nós (respondeu D. Angela).

— Cujo filho andava o anno passado na Academia...

— De S. Paulo (rematou M...).

— E esse cujo foi o mesmo que disparou a arma quando andava caçando?...

— Em Santos (tornou D. Angela).

— Visto isso é vossa mercê o mesmo a quem procuro.

— Pois, meu senhor (proseguiu), saiba vossa mercê que vivia eu lá no meu cantinho e mais a coitadinha d'esta rapariga, que já não tem mãe, nem um irmão e nem um tio sequer: e o pae é como vossas mercês estão vendo, um velho que já tem vivido tanto que só a vontade de Deus ainda o-retain n'este mundo. Para mim toda a minha riqueza era esta filha; para ella toda a sua riqueza era a sua honra. Afóra uma vaquinha, dous cães e uma casinha de sapé, não tínhamos mais nada. Apesar d'estes pezares íamos vivendo como Deus era servido. Quando havia comíamos; quando não havia, a graça de Deus era o nosso sustento. Vai em um máo dia toda a nossa pobreza caiu na miseria! Eu perdi a filha que possuia, e Sophía perdeu a honra! Vossas mercês que têm um filho, fação de conta que o perdêrão e verão que pezar é esse. Fáção de conta

que tambem têm uma filha, imaginem que essa filha, mas, não... essa desgraça nem de longe deve ser imaginada por vossas mercês... Como acabo de contar, vivíamos, assim ou assado, mettidos n'aquelle burquinho, quando, como era da nossa obrigação, franqueámos a nossa pobreza a quem precisava d'ella. Á cima d'um mez a fio, eu dormi no chão para dar a minha cama de páo a pessoa que precisava mais do que eu; e minha filha velou como se velasse a cabeceira de um irmão. Quando o doente não precisou mais da nossa pobreza...

— Abriu a bolsa da ingratidão (disse M... com phrenesi), tirou a moeda mais negra que lá guardava, a da deshonra, e com ella pagou a generosa hospitalidade que lhe destes! Não é preciso mais, comprehendendo o resto da sua triste historia, bom homem...

— Lucinio! (exclamou D. Angela indignada).

— Minha mãe! (respondeu Lucinio entrando).

— Eil-o... (balbuciou o velho).

## V

— Senhor (disse M... ao filho), conhece este homem?

— Conheço, meu pae; é o velho Raymundo de quem lhe fallei.

— E esta criança que vê ao collo d'esta rapariga?...

— Meu pae...

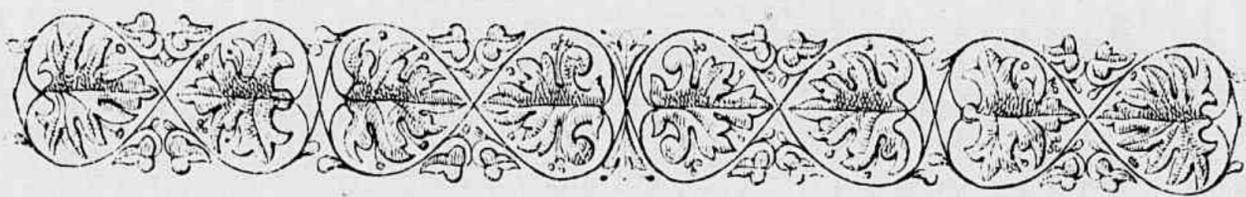
— Não sou mais seu pae (tornou M... com força), enquanto esta criança não fôr minha neta de direito e sua mãe.....

— Eu digo o mesmo (disse D. Angela soluçando e sem dar tempo a que M... concluísse o resto).

— E eu... eu... (murmurou Raymundo) eu... já não morro na deshonra... E acabava de morrer.

— *Continúa.* —





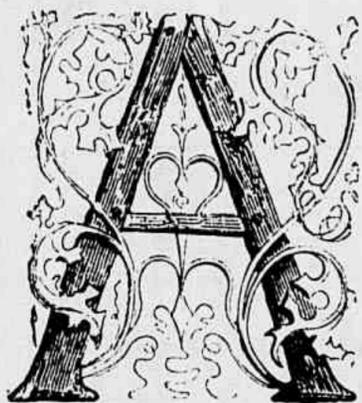
# CARTAS

DE HELENA A EULALIA

I

Paris, novembro 1852.

Minha formosa e querida prima.



gora mesmo acabo de receber uma amabilissima carta, assignada pela redacção do *Jornal das Familias*, na qual sou convidada de um modo tão lisongeiro a que não devo resistir, para com a minha collaboração *honrar* (olhe que é ella, a redacção, que diz honrar) as columnas d'este jornal.

Eu não sei se a minha prima sabe calcular os apuros em que põe a gente o amavel convite de meia dusia de distinctos litteratos que tivêrão a generosidade de querer uma desconhecida como eu nas suas fileiras? Se a prima sabe, avaliará, certamente, o quilate d'aquelles com que uctei; e se não, tome o meu conselho, minha prima, fique n'essa pacifica ignorancia.

— Como resistir, dizia comigo, 'relendo a carta; como resistir a força d'estas lisongeiras expressões? E demais, eu não tenho nada escripto, e nada na cabeça para escrever!

Um romance?

Depois dos *Miseraveis*?...

Uma poesia?

I

E papae?...

E papae quando souber que eu tive a *loucura* de fazer versos, e que caí na *doidice* de publical-os sob o titulo de poesia?

E minha prima sabe que o mais figadal inimigo dos poetas é sem dúvida seu tio!

Ainda não ha muitos dias, lhe ouvi dizer a um dos nossos amigos que, se elle fôsse naturalista, classificava-os (os poetas) na familia dos caranguejos!

O caso é que eu tambem estou por isso, apezar de tambem fazer, lá de quando em quando, os meus versinhos ás escondidas. Mas, fazer versos não é ser poeta; por consequencia eu não entro na classificação.

Irresoluta se devia ou não escrever versos ou romance, peguei na penna e pensei... Debalde!

— O que não hão de dizer os redactores do jornal? (murmurei indignada com a minha cabeça).

E indignada corri com os olhos o quarto todo, procurando um objecto que me inspirasse.

Encontrei-o, a final.

E é a vossê a quem o-devo, minha querida prima.

Lembra-se d'aquella saudade, bordada sobre telagarça, de que me fez mimo na hora da minha partida? D'aquella bemfadada flor que vive tão bem guardada no meio d'estas palavras escriptas com os fios dos seus cabellos, — *não te esqueças de mim?* — Foi ella que me inspirou.

Vegeta a tristezinha a cabeceira do meu leito ao lado do retrato de minha boa mãe, n'um pequeno quadro que, se não é digno d'ella, é, ao menos, o mais bonito que encontrei em Paris.

Lá fórão ter os meus olhos onde dorme a tristezinha. De lá voltárão e tão chorosos e tão baixinho segredárão com o coração que eu não pude ouvir uma palavra das que entre si trocárão.

Sei que soffri d'esse silencioso soffrer, minha prima, de que fazem pasto as almas de nós outros os expatriados!

Peguei outra vez na penna e disse:

— Pois vou escrever umas *paginas tristes*, dirigidas a minha querida Eulalia.

Mas, desgraçadamente, em eu pegando na penna, bem posso dizer, adeusinho, tristezas.

*O estyllo é o homem*, pregou, não sei quem, eu çá prego por minha vez que o meu estyllo não é o meu coração. Por mais funda que seja a minha tristeza em eu escrevendo, parece que estou rindo. Por semelhante fatalidade, caiu a lembrança das *paginas tristes* no fundo do tinteiro.

— Então o que é que devo escrever? (perguntei alterando a voz, como se alguém se opposesse ás minhas intenções).

E, sem esperar que me respondessem, decidi comigo mesmo escrever a minha prima todos os mezes uma carta, ainda que seja de cinco linhas.

E assim, bem ou mal, irei dando cumprimento ao honroso convite que aceitei dos redactores do *Jornal das Familias*.

Minha prima terá o prazer de ler de vez em quando o seu nome em lettras redondas, bem como eu as cantilenas das minhas garatujas. E creio que somos as duas únicas que lucrão.

Como não fui eu que me convidei...

O que é galante é que papae já soube do convite e bem assim da minha resolução.

Quer ouvir o que elle me respondeu, quando lhe contei que as minhas cartas não ser publicadas?

Sem mais nem menos, estas palavras algum tanto descoraçoadoras :

— Escreve lá quantas cartas quizeres a tua prima; consinto mesmo que a mande publicar no *Times* ou em volumes: prohibo-te, porém, que assignes o teu nome por inteiro, porque não quero que digão por ahí que não tive senso bastante para observar-te que ficas tão abaixo da Sévigné no teu estyllo epistolar como eu de Voiture e a fortaleza da Lage no Rio do Janeiro do Pão de Assucar.

Êm, prima?

Dous elogios d'estes deitão agente na bocca do... desánimo!

Mas o que eu queria era ter licença de escrever para o público escrevendo á prima; e agora tenha vossê paciencia.

Não peço desculpa ao público, porque esse é lá com os redactores do jornal a quem tem que pedir contas.

Ai, minha querida e feliz Eulalia! Certo e muito certo é o que diz o ditado: « Ninguém sabe do bem que tinha senão depois de perdido. »

Agora é que sinto o bem que perdi sahindo d'esse céo aberto.

Deixe-se estar ahí, minha prima, no paiz das flores e das brizas; não se lembre jamais de querer experimentar o doloroso da separação da terra que nos viu nascer. Não imagina, e só por isso é feliz, o que é esse doer, esse capir do coração com saudades dos seus lares e da sua gente, e nem eu vejo tinta com que o possa descrever, e mormente n'esta hora em que estou a firitar até os ossos ao peso do mais vigoroso e antipathico inverno da minha vida! Salve o sol do Brazil, Eulalia, cem vezes salve!

E como esta é apenas um aviso de que de ora em diante lhe enviarei as minhas cartas pelo *Jornal das Familias*, faço aqui ponto final? por hoje.

Adeus, minha prima... Até quando? quem sabe!

Quando, enfim, te verei, minha Eulalia,  
Minha íntima e santa afeição?  
Quando a teu coração n'um abraço  
Casarei este meu coração?

Ah! bem vindo esse dia de festa,  
Ou de morte... talvez... que o prazer  
Também mata... também n'um abraço  
Pode a vida sorrindo — morrer!

.....

Diga a esse torrão, tão abençoado pela natureza, tão querido da primavera,  
que não lhe deseja menos guapo prosperar de que é tão digno, do que o guapo  
noivo que lhe deseja de todo o coração a sua saudosa prima

HELENA.

— *Continua.* —



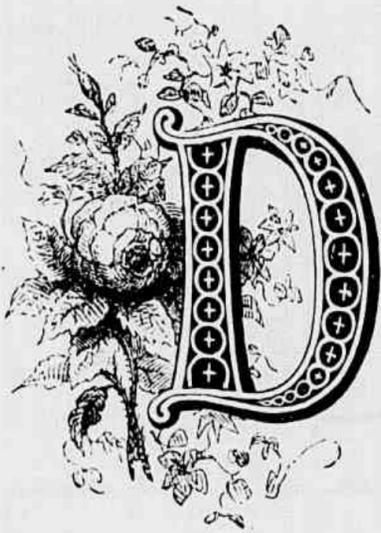


## MOSAICO

---

### SENTENÇAS <sup>1</sup>

---



Dize-me, peccador de costume, acaso passarás mais seguramente o rio, quando o-engrossarão as cheias? curarás mais facilmente a febre, quando se apossar das entranhas, e se fizer ethica? vencerás melhor teus inimigos, quando forem mais no número, e nas fôrças? lançarás fóra do monte a serpente, quando houver vivido n'elle por muito tempo, e souber as entradas e sahidas? arrancarás ligeiramente a arvore, quando tenha lançado altas raises? Pois sabe, que maior engano é cuidares, que não querendo tu agora converter-te a Deus, e arrependerte de teus peccados, quererás depois, e poderás facilmente.

★ ★

Quatro mães mui formosas parem quatro filhos mui feios. A Verdade pare Odio; a Prosperidade Orgulho; a Familiaridade Desprêzo; e a Segurança Perigo.

★ ★

Ao prodigo, e ao avarento falta o mesmo que lhes não falta; porque todos

<sup>1</sup> De um livro summamente religioso e rarissimo (*A Nova Floresta* do padre Manoel Bernades), extrahimos estes artigos, que, já pelo seu estyl'o singelo e classico, já pelo cunho de moralidade em que sobre tudo primão, serão certamente bem recebidos pelos nossos leitores.

os thesouros da terra e do mar são poucos para tornar, um a lançal-os no mar, outro a escondel-os na terra.

★ ★

Dá a tua vontade ao proximo : e dar-te-ha o seu entendimento. Quando se enteirar de que o-amas, então lhe persuadirás o que quiseres. O anzol da rasão ha de ir coberto com a isca da caridade. Caridade é lingua universal que entendem até os barbaros, e os mesmos brutos : falla n' esta lingua, e logo serás bem ouvido.

★ ★

Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado, e mais domestico, do que é teu amor proprio. Se queres errar frequentemente, sentençaia pelo seu voto.

★ ★

Mui proporcionado modo de alcançar graças é render graças. Para ali correm as cousas estimaveis, para onde são estimadas. O agradecimento é aqueducto da liberalidade. Um ingrato, pedindo, apara uma mão á fonte, e com a outra a entupe.

★ ★

Não ha modo de mandar, ou ensinar mais forte, e suave, do que o exemplo : persuade sem rhetorica, impelle sem violencia, reduz sem porfia, convence sem debate, todas as dúvidas desata, e corta caladamente todas as desculpas. Pelo contrario, fazer uma cousa, e mandar, ou aconselhar outra, é querer endireitar a sombra da vara torcida.

★ ★

A nossa alma é como a espada; que, se não passa por fogo e agua, isto é, por trabalhos voluntarios e involuntarios, e por tentações de prosperidade e adversidade, nunca toma tèmpera, com que, sem quebrar, dobre, e logo torne a ficar direita.

★ ★

Em quanto não sou capaz de vituperio, tambem o não sou de louvor. Porque impossivel é, que o louvor me não esvaeça, se vituperio me exaspera. E a grimpá, que se move para uma parte com este vento, porque se não moverá para a contraria com o contrario?

\* \*

Os grandes do mundo são escravos da sua grandesa. Não se podem arrojar, sem levar consigo tantos grilhões, e bragas, quantos pontos de honra, e rasões de estado. Se descaissem do estado, ou o renunciassem, então ficarião forros.

\* \*

Se quebras com teu próximo, tanto que achas ter grande rasão para isso, brevemente ficarás só contigo; e contigo houveras de quebrar primeiro, pois és quem mais te persegue, e arrisca. E sobre a rasão, que tu achas grande, ha muitas muito maiores, a que deves attender.

\* \*

A palavra revestida de brandura tem muito mais fôrça e lustre : e revestida de colera, uma e outra cousa perde. Nada menos se persuade ao proximo, do que o que se-lhe-intenta persuadir com modo apaixonado, ou imperioso.

\* \*

Adverte que a frouxidão, e ignavia é a mãe dos vicios; porque os bens que adquiriste, fará que os-percas : e os que te faltão, fará que os não adquiras.

\* \*

Na igreja primitiva os calices erão de páo, mas os sacerdotes de ouro : agora os calices são de ouro, mas muitos saérdotes são de páo.

\* \*

Diversa feição e actualidade, tem o espirito de quem vai montado em um formoso cavallo, e o do que vai em um despresivel jumento. Se o teu vestido fôr pobre e roto, repara que o espirito recebe d' aqui alguma disposição diferente, da que tem quando o vestido é novo e aceado, e assim nas mais cousas.

---

## AMAR O AMOR

---

Este era o fervorosissimo pregão que lançava aquella grande amante do Senhor, santa Maria Magdalena de Pazzi. Picada do ardente estímulo da caridade, que, com lei real, ás vezes desconhece e rompe os limites de outras leis inferiores, discorria como louca por todas as partes do mosteiro : e ás religiosas que encontrava, dizia com impeto sagrado, e voz clamorosa : *Amemos o amor !* ia-se á horta com accellerados passos, e repetia o seu pregão : *Accordemos mortaes, vinde amar o amor !* Subia-se á tórre dos sinos : tocava a fogo a toda a pressa : acudia gente sobresaltada com o rebate. Não era este para apagar, mas para acender fogo : e assim dizia, e bradava : *Mortaes, amemos o amor !* Já quando decrescia esta amorosa sessão, recolhia-se aos estreitos limites de sua costumada modestia e humildade : e todo aquelle fusilar de relampagos, toda aquella sonora trovoadá, que no céu de sua alma amara o Espirito Santo, parava desfeita em grossos chuveiros de lagrimas.

---

## UM CORAÇÃO PARTIDO

---

Conta-se no Espelho de exemplos, que houve uma donzella de quatorze annos, devotissima da Virgem Senhora nossa, a quem affectuosamente pediu, por espaço de sete annos, se dignasse de mostrar-lhe o bemdicto fructo de seu virginal ventre. Estando, pois, uma noite de natal nos seus costumados exercicios, lhe appareceu a Virgem Santissima, com o seu precioso menino nas mãos, como digna salva de tal joia, disse :

« Eis aqui o fructo de meu ventre : toma-o das minhas mãos nas tuas, e vê-o muito á vontade, e brinca com elle. »

A venturosa creatura, vencendo os temores de humilde com as confianças de amante, aceitou a offerta. E como Deus, ainda quando brinca como menino, não atira a brincar, os seus brincos pararão no felicissimo desastre que diremos.

Perguntou-lhe se o-amava.

Respondeu-lhe a donzella :

— Sim, Senhor, e muito.

Tornou o menino :

— Quanto?

E ella :

— Mais que o meu coração.

Deu-lhe outro pique, dizendo :

— E quanto me amas mais que o teu coração?

Respondeu com excessivo affecto :

— Não o-saberei dizer, diga-o o mesmo coração.

E n'este ponto, o coração se-lhe-partiu, e caiu morta ás frechadas do amor divino. E a Senhora por despôjo glorioso da victoria de seu filho, recebeu em seus braços aquella bemdicta alma, e a-levou onde de amar vive eternamente.

Dêrão ali os anjos suavissima musica, a cujos écos acudindo os de casa, virão a donzella morta. E uns religiosos da ordem dos Prégadores lhe abrirão o peito, e virão que n'elle estava escripta a causa da sua morte por estas palavras : Amo-te, Senhor, mais que a mim, porque me creaste, remiste, e dotaste.

## CONSELHOS PARA EDUCAÇÃO

Dirão por ventura alguns paes : E como podemos nós saber, se nossos filhos têm más companhias, não podendo estar sempre debaixo de nossos olhos, e não havendo olhos que penetrem os intimos do coração, senão os de Deus? Respondo, que de muitos modos se póde averiguar esta verdade, e atalhar, ou remediar este damno.

Primeiro, informem-se por terceira via, de quaes são as pessoas com que seus filhos acompanhão; e procurem saber, que paragens frequentão, e em que materias fallão : observem se tãrdão muito em recolher-se para casa; e se se applicão ás tarefas quotidianas, e distribuição das horas costumadas.

Se são pessoas de maior supposição, dêem-lhe aio fiel que os-acompanhe, e syndique, e reprehenda. Mandem-nos frequentemente a visitar, e fallar com algum varão pio e prudente; e para se conhecer, que lhe importa esta boa conversação, repare-se, como reparou Seneca, que até as fêras mais crueis, costumando-se á companhia do homem, se amansão, e tãmão alguns vestígios de racionabilidade.

Nomeiem-lhe determinadamente um ou dous amigos da sua idade, e parrelha, com quem andem; e sêjão sugeitos, que já conhêção por de bons costumes, e com estes fação por armar occasiões, de que resulte travar-se mais a amisade.

Da mãe de Catão se escreve, que para que seu filho sahisse bem morigerado, creou juntamente a seus peitos outro menino, filho de bons paes : e como os dous êrão colaços, fórão-se creando em amisade, e semelhança de costumes, com que escusou um ao outro de más companhias, e corrupção de costumes.

Recommendem aos mestres, que ténhão especial vigilancia sobre elles, e lhes fação a saber o que fôr digno de correção.

Em casa dêem-lhe alguns alivios, e jogos honestos em que se entretenhão, para que a natureza não vá buscar consolação na amisade, e tracto com os estranhos.

Retirem-nos de ter familiaridade com os servos e servas de casa; porque d'estes se-lhe pégão palavras pouco compostas, e noticias da maldade, de que estavão innocentes; e lhes servem de meios, para que se atrevão a sahir com os seus appetites dentro, ou fóra de casa, e a querer outra cousa do que seus paes querem. Se todavia não obedecem a estas ordens, haja castigo; e tal, que lhe chegue mais á alma, do que ao corpo; especialmente se o menino é de indole nobre, e que appetee ardentemente os louvores, e estimação; n'esta parte ha de cair a vara, porque n'esta lhe doe. E ainda em cima convem metter-lhe em ponto de honra, o confessar elle mesmo o crime, e pedir o castigo, e dar-lh'o a titulo de grande mercê; porém mais moderado, porque o-pede, ou aceita de boa vontade.

Ainda que de muitos companheiros um sómente seja ruim, este basta para causar corrupção nos mais, como o fermento em toda a massa.

Item : tambem os irmãos e irmãs se podem fazer muito ruim companhia, se a corrupção d'algum se teme, ou presume serem materias pouco para nomear; logo logo se ha de fazer separação; quanto permittir a possibilidade d'essa

casa, repartição de aposentos, ou conveniencia d'outras casas de parentes e amigos; ainda que para este effeito se fáção consideraveis despesas, e se atravesse por muitos inconvenientes. Porque como é incendio, o melhor remedio para salvar, é apartar.

## PRUDENCIA NO FALLAR

E cuidamos por ventura, que o desprezar a regua da prudencia no fallar tem sido causa de poucos damnos? Quantas veses uma só palavra que se disse, e não se havia de dizer, tem feito grandes destruições no mundo? Uma palavra que as filhas de Israel dissérão em louvor de David preferindo-o a Saul, foi causa de grandes revoluções n'aquella monarchia, e de que David andasse fugitivo, e perseguido muitos annos.

Uma palavra que Thamar disse a Absalão foi causa de que matasse a seu irmão Amon, e andasse desterrado da côrte, e depois se rebellasse contra seu pae, e ultimamente morresse alanceado.

Uma palavra que Eva respondeu á serpente, quando não devia responder-lhe, foi causa da ruina de todo o mundo. Ajuntemos algum exemplo das historias profanas.

Uma palavra que escapou a Henrique II, rei de Inglaterra, foi causa de que seus vassallos, entendendo que levava gosto em matarem a S. Thomás, arcebispo de Cantuaria, o-matassem impiamente dentro da sua mesma igreja; e de que o rei fôsse excommungado, e açoitado publicamente no mesmo lugar.

Por uma palavra cortesan se acende um pensamento deshonesto, por um pensamento deshonesto se intenta um delicto enorme, e por un delicto enorme, se segue a perdição de muitas almas.

Por uma palavra inconsiderada se descobre um segredo; por um segredo descoberto se póde perder um reino. Quantas familias inteiras não poderão nunca levar uma nodoa, que lhe poz uma só palavra d'um ouvi dizer? Emfim, não fôra ella sentença do Espirito Santo, se não fôra verdadeira sentença a que diz: Que a morte e a vida estão na mão da lingua. Resta logo para remedio,

e cautela de tantos perigos, que nunca nossas palavras se afastem da regua da prudencia, porque só então sahirão rectas.

## TUDO PASSA

Oh quanta verdade é que a figura d'este mundo sempre está passando, e nós com ella. Dos sabios, e justos, diz Isaiás que vêm a terra de longe. Ora vem, cá alma minha, faze por ser sábia, toma as azas da contemplação, e suspende-te n'ellas, e olha de longe para esta bola da terra, e verás como a sua figura sempre está passando. Que é o que vês? Mares, rios, arvores, montes, valles, campinas, desertos, povoados... e tudo passando. Os mares em contínuas crescentes, e minguentes : os rios sempre correndo : as arvores sempre remudando-se, ora seccas, ora floridas, ora murchas : os montes já fórão valles, e os valles já fórão montes, ou campinas : os desertos já fórão povoados, e os povoados agora, já fórão desertos.

Mas olha em especial para os povoados, porque o mundo são os homens. Tudo está fervendo em movimentos que acabão, e comecção; uns a sahir dos ventres das mães, outros a entrar no ventre das sepulturas : aquelles cantão, d'ali a pouco chórão : est'outros chórão, d'ali a pouco cantão : aqui se-está enfeitando um vivo, parede meia estão amortalhando um defunto : aqui contractão, acolá distractão : aqui conversão, acolá brigão : aqui estão á mesa rindo, e fartando-se, acolá estão no leito gemendo o que rirão, e sangrando-se do que comérão. D'aquella para porta dentro, ouvem a palavra de Deus : d'ella para fóra apupão os que passão, e dão-lhe vaia. Lá vai um no seu coche com os pés sobre tela e veludo; atraz das rodas vai um pobre nú e descalço. E que turba-multa é aquella, que vai cobrindo os campos de armas e carruagens? É um exército, que vai á uma de duas cousas, ou a morrer, ou a matar. E sobre que? Sobre que dous palmos de terra são de cá, e não são de lá. E que arvores são aquellas, que vão voando pelas ondas com azas de pano? São navios, que vão buscar muito lónge cousas que piquem a lingua para comer mais, cousas que afaguem a pelle, cousas que alegrem os olhos, isto é, especies, sedas, ouro, etc.

Olhae o trafego! tudo ferve, tudo se muda por instantes. Se divertires os olhos, d'ali a nada tudo achareis virado. O rico já é pobre, o mechanico já é fidalgo, o moço já é velho, o são já é inferno, e o homem já é cinzas. Já são outras cidades, outras ruas, outras linguagens, outros trajés, outras leis, outros homens... tudo passa!

## LENDA DO INFIEL

Pregando o arcebispo santo Vulfrano em Frisia (que é uma provincia dos Estados de Flandes, que confina com Hollanda), resistia-lhe Radhbodo, duque d'aquella terra, homem impio, amigo só da sua honra, e regalo, e totalmente mundano; e assim a palavra de Deus caia-lhe entre espinhos, e os cuidados da riqueza, governo, e regalo a-afogárão.

Era tal a sua impiedade, que por sortes mandava em certos dias sacrificar homens aos idolos, matando-os com diversos generos de supplicios, uns enforcando-os, outros queimando-os, outros afogando-os no mar. E caindo a sorte sobre dous filhinhos d'uma viuva, os-mandou pôr desamparados no meio d'uma ilhota, para que, crescendo a maré, os-afogasse.

Viérão accommettendo as ondas; e o menino maior, que era de sete annos, levantava nos bracinhos a seu irmão mais pequeno, que era de cinco, para que a agua lhe não chegasse tão depressa. E desde as praias estava o tyranno vendo isto com grande festa, e a pobre mãe com muitas lagrimas.

A este ponto, rompe o santo bispo por meio do povo; prostra-se em oração, começárão as ondas a deixar o sitio, e retirando-se á roda se fôrão alcantillando em um muro.

Entra logo por meio do mar, chega á ilha, pega com uma mão d'um menino, com outra d'outro, e vem-se com elles nos braços passeando pelo mar como por terra firme, sem molhar mais que as plantas. (Ah! Senhor, que admiravel sois em vossos santos!) Começa o povo a clamar, e louvar o nome de Deus: convertem-se, e baptizão-se innumeraveis, e entre elles os dous meninos, ao maior do quaes poz o santo seu nome.

Abalado o duque com isto, começou a cathechizar-se, porém caiu a palavra de Deus em pedra, e vindo a tentação seccou-se. Porque tendo já um pé mettido

na pia para receber o baptismo, o demonio o-tentou com a honra : e conjurou ao santo que lhe dissesse onde estava a maior parte das pessoas nobres, e de seus antepassados ?

Respondeu-lhe o santo :

— Não queiras errar nesciamente : só Deus sabe o numero dos seus escolhidos : os teus antepassados, se não ererão em Christo, é certo que todos se condemnarão, e de ti será o mesmo, se não creres.

Tirou o miseravel o pé da pia, dizendo que não queria trocar a companhia de tão illustres pessoas por um pequeno número de pobres no céo.

Caiu logo o miseravel em uma grave doença, na qual o santo tornou a pregar-lhe : mas caiu a palavra de Deus no caminho, e veiu o diabo, e tirou-lh'a do coração, por que se não salvasse. Porque estando com uma madorra, lhe appareceu o diabo em figura d'um mancebo formosissimo, com corôa de ouro e diamantes, com roupagens de tela e pedraria, e lhe disse assim :

— Dize-me, varão esforçadissimo, quem te enganou de sorte que te determinasses a prevaricar da religião antiga dos deuses verdadeiros? Oh não faças tal loucura. Está firme, que muito cedo irás aos palacios e deleites que te tenho apparelhados. E para que te certifiques da minha verdade, chama logo esse Vulfrano, doutor dos pobres christãos, e dize-lhe que te mostre esse reino celestial que te promette. E como elle o não pudér mostrar, mandem-se mensageiros da tua, e sua parte, que eu serei o guia do cantinho, e lhes mostrarei a casa de prazer que te tenho apparelhada, se fores fiel em me servir.

Acordou Radhbodo, e tudo contou ao santo bispo; o qual uma e muitas vezes lhe protestou que érão tramoias do diabo.

Respondeu o incredulo, que elle se baptizaria, se aquelle mancebo lhe não mostrasse a casa que dizia : mas que mostrando-lh'a, era signal que não mentia.

O santo então, por amor dos gentios não fingirem alguma cousa em descredito da fé, mandou um seu diacono, e o duque um seu criado : os quaes, sahindo ambos da cidade, lhes veiu ao encontro o guia, e os-levou por longas e desconhecidas veredas, até que dérão em uma entrada formosissima, toda lageada, e adornada de excellentes e vários marmores lavrados, e ao longe divisárão um soberbissimo palacio de ouro.

Chegárão á praça que estava na entrada, a qual era toda de ouro, e pedras preciosas. Entrárão em um salão de incrivel formosura, riqueza, artificio e resplendor : n'elle vírão um throno de grandeza, preço e arte incomparavel : os dous homens olhavão pasmados um para o outro. E então lhes disse o guia :

— Esta é a habitação que para o principe Radhbodo lhe tem apparelhado o seu Deus.

O diacomo, benzendo-se, respondeu :

— Se estas cousas são feitas por Deus, permanecção : se pelo diabo, desaparécção logo !

No mesmo ponto o diabo fugiu : e toda aquella machina se tornou em lodo. E os dous se achárão no meio d'umas lagoas e espinhaes, d'onde com grande perigo e trabalho poderão sahir em espaço de tres dias. E entrando na cidade soubérão como o duque no mesmo tempo murrêra sem reduzir-se.

Tudo contárão ao santo, e o dito criado do duque se-converteu, e seguiu o santo na perfeição da vida.





## VIRGEM BRANCA

Maria, porque me foges  
Porque me foges, donzella?

.....  
D<sup>o</sup> A. G. DIAS.

Porque despreza a donzella,  
Tão cruenta, tão vaidosa,  
A paixão firme, medrosa,  
Que alento no peito meu?  
Não somos ambos creados  
Ao calor do sol ardente,  
E a estrella d'alva fulgente  
Não vemos no mesmo céo?

\* \*

Se nasceu em berço d'ouro  
Envolta em fina cambraia,  
Eu em erma, fria praia,  
Tendo o céo por meu lençol:

Ella viu a luz do dia  
Disfarçada em sala escura,  
Eu da briza na frescura  
Vi bem clara a luz do sol.

\* \*

Se ella teve em roda ao leito  
O leve, subtil perfume,  
Que o incenso posto ao lume  
Costuma a exhalar; tambem  
No meu leito de verduras,  
Eu, pobre filho do mato,  
Gozei do perfume nato  
Nas flores que as selvas têm.

\* \*

Se ella dormiu embalada  
Ao grato som do piano,  
Eu dormi, se não me engano,  
Escutando o sabiá;  
Ella creceu entre galas,  
No rebulicio da festa,  
Eu cresci n'esta floresta  
Tão feliz qual fôra lá.

\* \*

Se creceu no corpo esbelto,  
Na belleza, na frescura,  
Da fina tez na brancura,  
Na graça altiva que tem;

Eu cresci no brio e força,  
Na coragem, na destreza,  
E aqui n'esta deveza  
Não tenho inveja d'alguem.

\* \*

Se outras donzellas lhe invêjão  
Na face a côr da açucena,  
De sua bocca pequena  
A rubra côr do guará;  
Eu tenho o rosto queimado  
Pela luz do sol ardente,  
Mas qualquer indio valente  
Minha côr invejará.

\* \*

Tirão — côr do céu sereno  
Seus olhos azues tão bellos,  
E seus formosos cabellos  
Imitão — flor do cajá;  
Eu, porém, em meus cabellos  
Vou buscar a noite escura,  
E dos meus olhos procura  
A pupilla o marajá.

\* \*

Como as d'ella aqui na mata  
Encontro feições mimosas,  
Pois donzellas tão formosas  
As matas as-têm tambem;

Mas não sei... a branca virgem  
Tem um quê na formosura  
Que das matas na espessura  
Outras donzellas não têm!

\* \*

Tem na voz tanta magia  
A branca, loura donzella,  
Que não sei o que'faz ella  
Para dar-lhe tanto amôr!  
Minha irmã canta com graça,  
Com terno dom mavioso,  
Mas o seu canto mimoso  
Não tem o mesmo langôr!

\* \*

Procurei por toda a taba  
A donzella mais formosa,  
Escutei-lhe a voz saudosa  
Em uma endeixa d'amôr;  
Em uma queixa singela  
Como o doce murmúrio  
Que nas grammas faz o rio  
Deslizando entre o verdôr.

\* \*

Senti minh'alma enlevar-se  
Na sonora melodia,  
Da queixa que me fazia  
A india do seu amôr;

Mas ouvindo a branca virgem  
 Era maior meu enleio  
 Como se a virge' em meu seio  
 Derramasse o seu langôr.

\* \*

Era um dia : o sol dourava  
 As verdes folhas do prado,  
 E das aves o trinado  
 Saudava a doce manhã;  
 Eu vim a ter na campina  
 Sahindo da mata escura  
 E perdeu-me a formosura  
 Da linda virgem christã.

\* \*

Tinha o rosto prazenteiro  
 Como sei tambem mostrar-me  
 A's tapuyas que de amar-me  
 Trazem tanto garbo em si;  
 Mas a virgem desdenhosa,  
 Dando um grito feiticero,  
 Como um veado ligeiro  
 Fugiu-me mal eu a-vi.

\* \*

E eu — soberbo guerreiro  
 Que faz correr o timbyra —  
 Depois que a virgem fugira,  
 Nunca mais tive prazer!

JORNAL DAS FAMILIAS.

3

Na taba nada me agrada,  
Só desejo ver a virgem  
E n'uma louca vertigem  
Quisera a seus pés morrer.

\* \*

Mas a donzella despreza  
Taõ cruenta, tão vaidosa,  
A paixão firme, medrosa  
Que alento no peito meu!  
Ella despreza o guerreiro  
Que nasceu na fria praia,  
Porque não teve em cambraia  
Um berço tal como o seu.

LUIZ V. F.





## MODAS

O verso do molde em papel amarello representa : 1º a frente, metade das costas, e parte do lado das capas commumente conhecidas pelo nome de *Mindha*; 2º os lambrequins do leito de Diana de Poitiers.

Este trabalho é feito sobre damasco amarello (côr de ouro) e as differentes partes do desenho são applicadas em pedaços de seda azul, verde, etc.

O reverso consta do seguinte :

Nº 1, 2 e 3. — Enfeites de trancelim preto para mantas e capas de seda azul ou verde. O nº 1 é para a gola e baixo das mangas. O nº 2 para os hombros e frente das mangas. O nº 3 para as costas e frente. Estes enfeites tambem estão em uso nos vestidos de lan, etc.

Nº 4. — *M. D.* Iniciaes gothicas, para bordar sobre escomilha, cambraia de linho, etc.

Nº 5. — *J. V.* Grandes iniciaes ornadas.

Nº 6. — *F. B. F.* Iniciaes enlaçadas.

Nº 7. — Monógramma do nome de nosso Senhor Jesus Christo.

Nº 8. — *Dito*, do nome da Virgem Maria.

Nº 9. — Bordado para cantos de lenços, etc. Iniciaes *M. D.*

Nº 10. — Modêlo de enfeite para cantos de lenços, toalhas, etc.

Nº 11. — Alfabeto ornado.

N<sup>os</sup> 12 e 13. — Bordado para collarinhos, etc.

N<sup>os</sup> 14, 15 e 16. — Estrellas para trabalhos de crochet. O n<sup>o</sup> 16 representa um assento oriental.

N<sup>o</sup> 17. — Alice, letras inglezas ornadas.

N<sup>o</sup> 18. — Luisa, *id.* gothicas *id.*

N<sup>o</sup> 19. — B. T. Grandes iniciaes ornadas; emcima uma coròa de conde.

N<sup>o</sup> 20. — Nathalia, letras inglezas.

N<sup>o</sup> 21. — J. G. Iniciaes gothicas ornadas.

N<sup>o</sup> 22. — J. V. *idem idem.*

N<sup>o</sup> 23. — Trabalho de crochet.

N<sup>o</sup> 24. — Bordado para o centro de toalhas.

N<sup>o</sup> 25. — M. D. Iniciaes inglezas.

N<sup>os</sup> 26 e 27. — Outro bordado para collarinhos, etc.

N<sup>os</sup> 28 e 29. — Conchas para bordar sobre telagarça. As palavras — Preto, branco, amarello, carmesim, verde e azul indicão a còr da linha de lan ou seda, etc.

N<sup>o</sup> 30. — Maria, letras inglezas.

N<sup>o</sup> 31. — Amelia, ditas gothicas.

N<sup>o</sup> 32. — H. B. Iniciaes ornadas.

N<sup>o</sup> 33. — Bordado para lenços.

N<sup>os</sup> 34 e 35. — *Idem*, para toalhas de altares.

## FIGURINOS

Os figurinos coloridos representão : á esquerda; vestido de seda branca com tres ordens de fofos de seda verde, ficando a primeira emcima sobreposta a um folho de renda de seda preta e as duas compondo a barra. Os fofos são enfeitados com trancelim preto. Mangas curtas e enfeitadas pelo mesmo gosto. Floco de arminho (ou *Boas*) a Veneziana. Grinalda de rosas carmesim circulando o penteado.

A' direita; vestido de seda branca; meia saia da mesma, partindo do bico até o começo do folho sobreposto a barra, ficando aberta na frente por dous

folhos postiços, cujas extremidades vão guarnecidas de flores artificiaes. Manto de veludo carmesim, forrado de seda-branca e enfeitado de galões de ouro.

Os outros figurinos representão :

Nº 1. — Vestido de seda azul semeado de estrellas (as estrellas de fita branca de veludo), com quatro folhos estreitos sobrepostos a barra. Capa curta de veludo preto, guarnecida de flocos brancos. Mangas largas. Chapéo de escomilha branca, babado de veludo preto, guarnecido de flores tambem de veludo.

Nº 2. — Vestido de seda azul; barra enfeitada de fitas de veludo preto em quadradinhos. Capa comprida. Chapéo de palhinha ornado de plumas brancas ou azues.

Nº 3. — Capa a Florentina de veludo preto, guarnecida de rendas da mesma cor. Ha-as feitas.

Nº 4. — Capa curta de lan. Chapéo de palha a pastora; laços de fitas ou ló cahidos sobre as costas.



The image shows a two-page spread of a ledger titled "JORNAL DA FAMILIAS" dated "Março, 1863". The ledger is a large grid with approximately 25 columns and 40 rows. The grid is almost entirely filled with dark ink, which has obscured the original text. The ink appears to be a dense, somewhat irregular pattern, possibly representing a large-scale data entry or a specific type of record. The grid lines are visible, and the overall appearance is that of a heavily used and possibly damaged or intentionally obscured document.



Dessiné par M. L. G. Gravé par M. P.

This image shows a large, dense grid of text, likely a family register or census. The text is arranged in a regular, repeating pattern across the page, with a decorative border at the top and bottom. The text is too small to read clearly, but it appears to be organized into columns and rows, possibly representing names, dates, and other family-related information. The overall appearance is that of a historical document, possibly a page from a genealogical record.